

Popularização da leitura da mulher negra na telenovela: *Viver a Vida* (2009) e reflexos estruturais na sua dramaturgia

Popularization of the reading of black women in the telenovela: *Viver a Vida* (2009) and structural reflexes in its dramaturgy

Andressa Caniza Borges

Resumo: Este artigo visa analisar a apresentação negra da telenovela brasileira “Viver a Vida” (Manoel Carlos, 2009), com foco na participação da atriz Taís Araújo como a primeira protagonista negra de uma trama audiovisual da emissora Rede Globo em horário nobre. Pautando a mudança narrativa da personagem Helena, e considerando a leitura racial estruturalmente e historicamente presente no dispositivo televisivo, busca estudar a consolidação da representação deste modelo dentro da cultura de massa audiovisual e o papel da mulher negra dentro dele.

Palavras chave: telenovela, mulher negra, *Viver a Vida*, racismo estrutural.

Abstract: This paper aims to analyze the black presentation of the Brazilian telenovela “Viver a Vida” (Manoel Carlos, 2009), focusing on the participation of actress Taís Araújo as the first black protagonist of an audiovisual plot by Rede Globo in prime time. Based on the narrative change of the character Helena, and considering the racial reading structurally and historically present in the television device, it seeks to study the consolidation of the representation of this model within the audiovisual mass culture and the role of black women within it.

Keywords: soap opera, black woman, *Viver a Vida*, structural racism.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre os pré conceitos aplicados na leitura de corpos negros mediante a sua apresentação em telenovelas brasileiras. Faremos uso do sistema de personagem Helena, um modelo de protagonistas criado por Manoel Carlos, como objeto de estudo. Analisaremos algumas cenas de capítulos chaves da novela *Viver a vida* (2009), direção de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti, buscando relacionar conceitos como democracia racial, miscigenação, exclusão da mulher negra na construção destes espaços televisivos. Problematizando questões como as escolhas de roteiro e um possível baixo desempenho de audiência nos perguntamos: até que ponto tais quesitos seriam um reflexo de uma estrutura racial vigente que influencia na negação da presença da mulher negra no audiovisual?

A socialização da negritude no Brasil tem um passado escravocrata que moldou a estrutura cultural do país. De estereótipos sociais à arquétipos televisivos, quando trazemos a pauta para as narrativas presentes na cultura de massa não seria diferente, pois com a apresentação nas telas em casas populares, através do seu alcance, as telenovelas se consagram como um projeto audiovisual latinoamericano potente na construção identitária.

Apenas no canal Globo de telecomunicações, um canal aberto, são mais de 5 horas de exibição de telenovelas, das reprises após o jornal do meio-dia até a trama considerada de horário nobre. São narrativas que se nutrem da realidade construindo ficção, e vice-versa, alimentando também os telespectadores de casa, como um veículo das identidades cotidianas. O dispositivo televisivo em si reafirma a cultura de forma hegemônica, como uma dominação de ideologia, desde a sua origem, e hooks (2019) nos traz a atenção de que esta cultura em sua totalidade é branca. Desta maneira, essa experiência quase mimética onde podemos espelhar nossas vivências não é democrática a todos os corpos.

Apesar de bell hooks ser uma escritora norte-americana que fala sobre seu contexto de origem, é possível passarmos esta análise para o Brasil e suas telenovelas. A experiência afro-brasileira de acordo com Caldwell (2012), especialmente de mulheres negras, se assemelha muito a de mulheres afrodescendentes de países como Estados Unidos e Inglaterra, posto que a exclusão delas no feminismo branco e de homens negros na luta anti-racista são uma pauta coincidente, porém com particularidades no discurso de raça e miscigenação.

Joel Zito Araújo, escritor e cineasta brasileiro, nos fala que por conta da miscigenação ser muito defendida no Brasil do século XX, à medida que foi sendo ampliada como uma solução e homogeneidade da raça latina, passou a ser lida como um processo de purificação de raças consideradas inferiores, e no tocante a raça, a identidade negra e indígena são diluídas. O resultado é um mito de democracia racial dentro do audiovisual pela construção de uma estética brasileira, de seus filmes e dramaturgias, apoiada a uma beleza européia e irreal.

Um estudo realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA) fez um levantamento entorno do protagonismo em 101 novelas, de 1995 a 2014, e concluíram que de 90% dos protagonistas em questão eram atores brancos, e apenas 10% pretos e pardos em sua totalidade mulheres. Não é comum ver pessoas negras como foco de importância destas histórias, o que se tratando de uma plataforma que se nutre da realidade brasileira, destoa ao termos conhecimento que 54% de sua população é negra (IBGE, 2020).¹

Nos papéis coadjuvantes nos quais o negro é mais visto dentro das narrativas a problemática é mais evidente, pois percebemos que este espaço em construção se estagnou em estigmas racistas segundo Santos; Silva (2016).

Ainda segundo Santos; Silva (2016) a sexualidade, a trapaça, e principalmente, a servidão são problemáticas que são frequentemente utilizadas como traços de personalidade. Despindo toda individualidade, a partir de personagens sem nome, sem contexto, sem visibilidade. Homens negros se apresentam através da marginalidade e como ferramentas de armadilha social, assumindo cargos de ladrões, amantes, pais e maridos violentos, enquanto mulheres negras são hipersexualizadas através do estereótipo da *mulata* ou reduzidas a domésticas que apenas compoem enquadramentos, como vemos no documentário *A negação do Brasil* (2000), dirigido por Joel Zito Araújo.

A servidão em específico no caso das mulheres negras, as coloca numa posição de subalternidade. Juntamente com este tom de criadagem, dentro da vida destas personagens, a falta de êxito, a não ascendência econômica, a ausência de intelecto ou uma identidade que apenas fuja da função de serventia das pessoas brancas, foi o que se criou o imaginário

¹ Criado em 2008, o núcleo GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa) tem sua origem e sede no IESP-UERJ. Idealizado como um grupo universitário de pesquisa sobre raça e gênero dentro dos estudos de ações afirmativas, para maiores dados: <https://gemaa.iesp.uerj.br/> acesso 14/03/2022.

nacional televisivo desde o início da década de 40 (Araújo, 2008). Se tornam personagens decorativas, sempre em cantos de tela a espera de uma oportunidade de ser útil, e aparecer em cena. E a submissão não parece somente dentro do papel da empregada, mas até mesmo quando tende para o outro lado destas caricaturas. A sexualidade explorada no arquétipo da *mulata* também é uma forma de sujeição presente já que não é individual e livre para si, mas para outros ao redor.

O reconhecimento destas questões nos apresenta um estudo da visibilidade oferecida a nós segundo Ceiza Ferreira (1999), mas também nos encaminha para entender a apropriação de tais símbolos, a compreensão destes papéis desempenhados e a criação de nossa espectralidade. Joel Zito Araújo, em seu documentário *A negação do Brasil* (2000), nos dá uma dimensão do embranquecimento televisivo ao nos entregar diversos depoimentos de atores e atrizes que testemunharam a conformidade deste lugar imposto ao negro nas novelas e democracia racial subjetivamente alocada.

Manoel Carlos Gonçalves de Almeida é autor, escritor, diretor e produtor de audiovisual brasileiro, mas seu trabalho nas telenovelas da Rede Globo são seu maior marco no ramo. Por grande admiração à Helena de Tróia, desde 1981, Manoel usou este nome para dar vida a nove de suas protagonistas em nove telenovelas diferentes, criando assim um formato de obra popularmente conhecido através do alcance televisivo (Silva, 2020).

Silva (2020) faz um levantamento de todos os personagens negros que já estiveram nas tramas do escritor, dos cinquenta e oito, a maioria tem propósito de servidão com cargos subalternos, e dentro deste número, podemos ressaltar que antes de *Viver a Vida*, em vinte vezes em que mulheres negras foram representadas por Manoel, dez delas foram como empregadas ou criada, quatro sem carreira e etc., sendo assim de grande notabilidade essa quebra de padrões na representação dessa figura nas obras do autor em 2009, quando propuseram a primeira protagonista negra de horário nobre.

Viver a vida foi uma telenovela exibida de setembro de 2009 até março de 2010, no canal aberto da Rede Globo de Telecomunicações, conta a história de duas supermodelos Helena (Taís Araújo), apresentada ao público como protagonista, e Luciana (Alinne Moraes) como sua antagonista e rival.

Taís daria vida a oitava “Helena” de Manoel Carlos, um papel que é marca registrada do escritor, que consagrou muitas atrizes brasileiras na carreira televisiva através da empatia

popular causada por suas narrativas desde 1981. No enredo, durante todo relacionamento Luciana cria uma rivalidade com Helena, o que resulta em muita inveja, brigas e sabotagens por parte de Luciana, mas que recebem sempre o melhor tratamento e ofertas de paz por parte de sua colega de profissão. Durante uma viagem na Jordânia a trabalho, após uma discussão e no caminho para um trabalho, Helena se opõe a continuar ao lado de Luciana por ser constantemente depreciada pela mesma, assim a antagonista precisa pegar um ônibus para seguir para a locação. Durante o trajeto do ônibus, o motorista se distrai e evitando bater em um rebanho de ovelhas leva o veículo para fora da estrada. O ônibus capota diversas vezes, e esse acidente deixa a jovem tetraplégica.

Ambas as personagens voltam para o Brasil e passam por triângulos amorosos em diferentes tramas de seus núcleos, Helena vive um casamento abusivo, se apaixona por outra pessoa e sofre constante assédio moral por Tereza (ex-mulher de Marcos e mãe de Luciana), enquanto a antagonista tem um foco narrativo na sua recuperação e a disputa de dois irmãos gêmeos pela sua afetividade.

Após o projeto ter desempenho instável em termos de audiência para emissora, o foco narrativo entre as duas é invertido, deixando Helena como antagonista e com seu núcleo com desenvolvimento secundário. Podemos questionar a recepção do protagonismo negro dentro da novela quando vemos que o mesmo rompia com a imagética construída da mulher negra, onde a personagem em questão era bem sucedida e distante da margem social imposta pelo racismo estrutural, além do roteiro não procurar dar uma justificativa de sua ascensão.

hooks (2019) teoriza sobre como as narrativas da televisão e do cinema foram responsáveis por criar um mundo à parte, estabelecendo relações de poder através de um pacto narcisístico da representação branca, e a negra no lugar da subalternidade. A espetatorialidade constante dentro destes conformes, treina o olhar e leitura visual para uma associação que reforça preceitos racistas e escravocratas com base na servidão, exploração e insolência. As mulheres negras midiaticamente ficam em mais vulnerabilidade, pois além da demonização de seus corpos, foram negadas a performance de feminilidade desde criação do desejo e endeusamento visual da mulher, o que destinado apenas para mulheres brancas, faz com que inclusive as mulheres negras tenham sua experiência audiovisual pautada no seu esquecimento.

2. Desenvolvimento

Buscando entender a leitura dúbia da figura da mulher negra em “Viver a Vida”, no que se apresenta ser um reflexo do apagamento histórico dentro dos meios midiáticos, este estudo questiona o por que somente em 2009, na 73ª novela das oito, Taís seria precursora dessa individualidade, e o por que isso também teria sido negado a ela. Neste artigo, usaremos dois capítulos, o primeiro e o quinquagésimo quinto para relacionar estas questões.

Segundo Ceiza Ferreira (2018), a falha desta elaboração está na destituição da identidade da mulher negra e na alienação por parte da sociedade em não reconhecer as mazelas que se interseccionam em relação a mesma. Tal coisa deixa personagens como a de Taís Araújo em um “não-lugar”, pois ao tocante de melodramas sobre mulheres, a mulher branca é projetada, e ao relativo a negritude entende-se homem negro. O desconhecimento de sua conformidade.

Este não-lugar, termo defendido por Ferreira (2018), se apresenta quando hooks (2019) nos fala sobre o contexto em que se forma a leitura sobre a mulher negra dentro do audiovisual. A partir do momento em que a mulher é visada dentro das narrativas, inicialmente com o intuito de explorar sua feminilidade e fragilidade desempenhados nos papéis de gênero, a mulher negra fica de fora deste retrato e só passa a ser pautada na vilania ou serventia, hooks (2019). Essa ausência é o viés por onde a leitura audiovisual ocorre para mulheres negras, e hooks denuncia esta exclusão a partir do que o olho aprendeu a assimilar como feminino, mas também pelo não reconhecimento deste lugar da mulher negra por parte de teorias feministas do cinema, onde não há um olhar interseccional e sim um olhar dual para o homem e a mulher branca.

Há duas cenas de confronto que conversam ao analisar este não-lugar de Helena, nos quais a partir desta visão é possível enxergar a alienação de sua figura e entender as problemáticas raciais presentes na escrita de Manoel Carlos. Faremos a leitura de algumas cenas para poder evidenciar o que pleiteamos.

2.1. Leitura de cenas

No capítulo 23, as modelos se preparam para ir a outra cidade cumprir seu itinerário de trabalho, e Helena tentando criar um clima ameno dá notícias sobre o pai de Luciana, e pergunta se ela já teria ligado para mãe. A coadjuvante implica com a pergunta e Helena se demonstra solícita ao explicar sua preocupação, e diz que se coloca no lugar da mãe e que gostaria de ser lembrada. A situação parte para uma iniciativa da protagonista de declarar que se esforça para ganhar apreço de Luciana, mas que não compreende a inimizade entre elas.



Luciana diz que Helena está projetando sua falta materna nela, e expõe o aborto cometido por Helena, justificando que a mesma teria o feito para que a carreira de modelo não fosse interrompida devido a sua idade. Neste momento as falas são mostradas em uma série de contra-planos alternados que nos possibilitam ver a reação das duas. O semblante de Helena por sua vez nunca é agressivo, é nítido a sensação de impotência, mas ela se afirma com educação, ao contrário de Luciana que de forma soberba, com expressões faciais muito marcadas, ainda recai sobre o assunto dizendo que ela teria “matado seu filho”, como se sua assertividade a declarasse correta.



Este ponto da narrativa é interessante quando trazemos para conversa o conceito de passividade dentro das relações interraciais do negro na dramaturgia de Araújo (2008). Toda conjuntura do que se aprende sobre o arco de pessoas negras é o seu engajamento dentro do arco de personagens brancos, quanto mais próximos desta vivência melhor, inclusive é o que

se almeja. E o sofrimento em questão, seja ele como for, neste caso um aborto, são sempre tidos como passos e causas para se chegar onde quer.

Helena reage dando um tapa na cara da antagonista em um contra-plano aberto onde é possível ver o corpo de Luciana se curvando, único momento seu de fragilidade corporal e comportamental.



Após o tapa Luciana insiste no assunto, fazendo Helena quebrar sua pose de “forte” para intorromper a antagonista de certa forma, e como se devesse explicação a mesma, conta que carrega as marcas de seu aborto e as carregará para sempre, martirizando a si mesma.



Aqui a força física é usada como última tentativa de respeito, por mais primitivo que seja, e é um desvio de caráter da personagem que até então, mesmo com seus maiores traumas e insegurança sejam expostos, é forte e educada durante toda trama. Deste furo se abre uma variedade de interpretações para estas personagens para o próximo acontecimento, a tragédia que deixaria Luciana tetraplégica.

Após o acidente, a culpa recai sobre Helena, pois apesar de não ser responsável direta pelo acidente, vira a *vilã* da novela. Assim, depois de muitos capítulos sofrendo constantes impertinências por parte de Luciana, quando há uma exigência que sigam em veículos distintos por cansaço emocional, a ação resulta em um desastre que a persegue até o fim da

narrativa. Dentre os agentes dessa sentença está Tereza, que acredita fielmente que Helena é a responsável pelo acidente de sua filha.

No capítulo 26 a busca pela conclusão desse arco acontece através de uma visita surpresa da mãe para a, agora, antagonista. Nesta cena há um padrão de imagem para ambas, não existe um plano que Helena esteja sozinha, ela está por trás de Tereza, enquanto a outra não tem intervenção física de seu espaço em tela e com foco visual totalmente seu. Podemos então concluir que subjetivamente, com base na leitura destes enquadramentos e sua dominância de tela, que ela é o foco da narrativa que irá se formar.



Helena pede perdão pelo acidente, mas o resultado é uma cobrança irreal. Recebendo seu pedido, Tereza relata que não dá razão para sua filha em todos os momentos da viagem, justifica sua fala dizendo “Coisa de menina mimada, coisa de menina que sempre teve tudo o que quis”, e completa seu raciocínio com a frase “Eu disse que ela não era uma criança que precisa dar a mão para atravessar a rua, mas uma criança por dentro, insegura e passional, como todas as mulheres” cobrando uma conduta tolerante e compassiva.

Se compararmos Luciana e Helena, estaremos analisando duas mulheres adultas da mesma idade, inseridas na mesma profissão, ambas com carreiras de sucesso. Podemos especular que o fator que as difere na trama seriam suas personalidades, suas trajetórias, mas há algo mais implícito e mesmo assim evidente, a cor de suas peles.

A leitura de infantilidade, e de uma nódoa moral efêmera, que Tereza tem de sua filha, excluindo Helena deste lugar de feminino instintivo que ela defende, é fácil de ser veiculada e credibilizada aos espectadores ao analisarmos a realidade vigente de que mulheres brancas, e somente elas, são o ponto de referência no ideal feminino (hooks, 2019; Ferreira, 2018).

Você não conseguiu tudo que você quis? Você não saiu da pobreza pro conforto? Você não conseguiu superar o preconceito contra sua cor? Você não subiu todos os degraus que almejava subir? Você não subiu na vida? Você não conseguiu um casamento com um homem rico? Você não tem tudo que você quer? (Tereza, cap.26, *Viver a Vida*, 2009).

A argumentação levantada no diálogo anterior, ao mesmo tempo que coloca Helena em uma posição aparentemente triunfante diante mazelas que são diretamente ligadas a sua posição como mulher negra, também expressa uma inconformidade por parte de Tereza. O que mais a personagem poderia querer senão sair deste nicho racial e econômico? Dentro das circunstâncias, o nexos subjetivo dessa responsabilização se torna saber o por que Luciana, que dispõe de todos os privilégios abrandados por um lugar de “menina” cândida, seria então a pagante do desleixo de modelo. A perversidade e trapaça são incutidas a Helena, representação que Santos; Silva (2016) defendem como um arquétipo base de afrodescentes na teledramaturgia brasileira.



Helena assume o carrasco aceitando ter sido imatura e descontrolada. Tereza zomba de seus pedidos de desculpa, imita suas lágrimas, declara perdão insuficiente e que não deveria se sentir ofendida, pois ao realizar um aborto para conseguir seu contrato de modelo, teria subido na vida a partir da morte de uma criança. Em desespero por abono Helena se ajoelha perante Tereza.



Em plano contra-plongée Tereza é mostrada olhando para baixo expressando superioridade sua em referência ao gestual de Helena, que é capturada por contra-planos na altura de seus olhos. Assim, voltando-se para cima recebe um tapa em seu rosto, sua face é colocada de lado e a personagem só volta a encarar a outra quando dá as costas.



O tapa, segundo Tereza, é uma acerto de contas do que Luciana teria recebido (cap. 23). A violência aqui usada, antes lida como primitiva (e desvio de personalidade), se torna a redenção da culpa de Helena, fechamento deste arco narrativo. A passividade com que estas ações são aplicadas, como tapa, o encadeamento de culpa, o ajoelhamento, criam o que Araújo (2008) relata como comportamento modelo. Desta forma é vantajoso que os espectadores aprendam através da mídia como se portar diante situações de injustiça, confronto e pré conceitos.

Estas escolhas raciais de poder dentro da imagem, o desejo de embranquecimento audiovisual, tem o cidadão branco como padrão estético e líder destas narrativas, excluindo a contextualização de raça e em consequência suas problemáticas (Araújo, 2008; Ferreira,

2018). Helena precisa passar por um martírio, sub-allocada a personagens desse padrão televisivo branco, para ser dona da sua trama, ou nem isso.

3. Conclusões finais

Em síntese, visto que dentro das escolhas de roteiro para personagens negros a ascensão social só ocorria pela ajuda dos personagens brancos, entendemos que para chegar a determinada posição privilegiada é necessário passar por situações racistas (estruturalmente ou diretas), o ponto de virada é sempre um lugar de sofrimento. A consequência é uma audiência que exproba ver pessoas racializadas bem sucedidas, independentes em condições econômicas, relevantes dentro de seus nichos (Santos;Silva, 2016).

Em *Viver a Vida* (2009) há a construção de uma imagética da mulher negra que destitui de sua identidade, a protagonista é posta em um local de destaque mas sem nenhum aprofundamento de suas questões de gênero, classe, raça etc. Com exceção do sucesso, sua posição social se trata de um arremate das mazelas, apesar delas ainda existirem.

Helena ao entrar em uma narrativa de comparativo com uma mulher branca, a ausência de interseccionalidade se mostra inconsistente, e ela cai em arquétipos de personagens racializados estruturalmente conhecidos, sempre à margem dos demais, reféns de algum sofrimento, culpa ou vilania. A passividade, a violência e os diálogos nas cenas analisadas revelam a discrepância de papéis empenhados dentro da história. Luciana e Tereza sempre tem suas motivações baseadas em justiça e inocência enquanto Helena está sempre em busca de compreensão e redenção.

Silva ; Echevaria (2012) ao idearem sobre a representação negra na teledramaturgia pontuam que *Viver a Vida* não despontou pois, segundo o público e críticas da época, a novela não mostrava a realidade da mulher negra e só reforçavam estereótipos racistas. Helena de Taís Araújo é um caso de negligência racial e de gênero empenhados no formato de telenovela, e que teve seu insucesso evidenciado por conta de um espaço que ainda é inexistente no imaginário coletivo brasileiro.

Concluimos, por fim, que *Viver a Vida* insiste na ausência ilusória de segregação racial dentro de sua dramaturgia, mas que mesmo assim não exclui suas problemáticas racias,

inclusive podem ser vistas a partir desse paradoxo. A falta de uma construção da representação da mulher negra na televisão ainda ecoa em personagens como de Helena, que não são consumidas para além do que se estabelece sobre as percepções racistas da mulher negra neste espaço. E essa alheação tende a voltar as narrativas audiovisuais à branquitude como padrão de identificação em tela.

4. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, J. Z., **A negação do Brasil**. Documentário, sonoro, colorido, 65 min, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M> . Acesso em: abril, 2021.

ARAÚJO, Joel Z. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 16, 3, p. 979-985, setembro-dezembro, 2008.

ARAÚJO, Joel Z. **A força de um desejo - A persistência da branquitude como padrão estético audiovisual**. Revista USP. n.69, p. 72-79, São Paulo, março/maio 2006.

BALBINO, Jéfferson. **O protagonismo da mulher negra na teledramaturgia brasileira no final do século XX**: Uma análise da telenovela “Xica da Silva”. In: XXIX Simpósio de Historia Nacional. n.98711, 2017, Brasília.

CARDWELL, Kia L. **Mulheres negras, militância política e justiça social no Brasil**. Revista Gênero, Niterói. v. 8 n. 1. Maio, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v8i1.161>

CAPÍTULO 23 (ep. 23). **Viver a Vida** [Telenovela]. Direção: Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti. Produção: Manoel Carlos. Rede Globo, 2009 (60 min.), sonoro, colorido.

CAPÍTULO 26 (ep. 26). **Viver a Vida** [Telenovela]. Direção: Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti. Produção: Manoel Carlos. Rede Globo, 2009 (60 min.), sonoro, colorido.

DA SILVA, Francisco Ewerton Aleixo. **As Helenas de Manoel Carlos**: Uma leitura sobre a personagem de Tais Araújo. Monografias Brasil Escola, 2020. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/as-helenas-de-manoel-carlos-uma-leitura-sobre-o-personagem-de-tais-araujo.htm>>. Acesso em: março, 2022.

ECHEVARIA, F. R.; SILVA, V. M. **De coadjuvantes a protagonistas**: a Representação da População Negra na Teledramaturgia Nacional. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 13, 2012, Chapecó (SC).

FERREIRA, C. **Branquitude e regimes de visibilidade no cinema brasileiro**: uma análise do filme Orfeu (1999). Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, v. 13, n. 1, p. 78–93, 2018. Disponível em:

<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/10> . Acesso em: 20 mar. 2022.

FERREIRA, C. (2018). **Reflexões sobre “a mulher”, o olhar e a questão racial na teoria feminista do cinema.** Revista FAMECOS, 25(1), ID26788. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.26788>

GLOBO, Memória. Viver a Vida. Memória Globo, 2009. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/>>. Acesso em: maio, 2021.

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. **O negro na telenovela brasileira:** a atualidade das representações. Revista Estudos em Comunicação, n.11, p.185-204, maio, 2012.

hooks, bell. O olhar opositor: Mulheres negras espectadoras:. In: hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação.** São Paulo: Elefante Editora, 2019. p. (página 214) - (página 240).

LIMA, Solange M. C. **A personagem negra na telenovela brasileira:** Alguns momentos. Revista USP, São Paulo. N. 48, p.88-99, dezembro/fevereiro, 2000-2001.

MIRANDA, Cristia R. **Arquétipo e Representação na Telenovela:** Lugar Comum e Espaços Discursivos na Representação do Mesmo nas Protagonistas-Helena de Manoel Carlos. Nova Revista Amazônica. v. 1, n. 1. Janeiro/junho, 2013.

SANTOS, F. L., SILVA, M. R. **A representação da mulher negra nas telenovelas brasileiras:** Um espaço em construção. Graduação (História) – Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, p.9. 20, 2016.

SILVA, F. E. A., AIRES, J. S. F. **Como o racismo estrutural afetou o protagonismo da Helena de Taís Araújo? Uma análise descritiva dos capítulos da novela Viver A Vida.** In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 25, 2020, Poço de caldas (MG).

SILVA, Wagner M. **A telenovela e os negros:** A representatividade étnica na Rede Globo entre 2011 e 2017. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 41, 2018, Joinville (SC).

SOUZA, C. S., HENNING, C. E., SOUZA, F. M. **Para além da imaginação: nação, raça e gênero e a Helena de “Viver a Vida”**. Revista da ABPN, Goiânia. v. 5, n. 9, p. 69-97. Novembro/fevereiro, 2013.

SOUZA, Edileuza P. **Mulheres negras na construção de um cinema negro no feminino**. Revista Aniki vol.7, n.º 1 (2020): 171-188 | ISSN 2183-1750 doi:10.14591/aniki.v7n1.586